

2. Capela de Santa Cruz

2.1 A edificação como documento

2.1.1 Bem/Edificação

Capela de Santa Cruz (também conhecida como Casa São Domingos)

2.1.2 Localização

Rua Santa Cruz, 350 (Largo de Santa Cruz), Cambuí, Campinas, SP, CEP 13024-100.

2.1.3 Proteção

Tombado pelo CONDEPACC pela resolução nº31 de 20 de janeiro de 1999

2.1.4 Propriedade

Complexo Casa – Capela Santa Cruz

2.1.5 Proprietário

Congregação das Irmãs Dominicanas

2.1.6 Usuário

Sociedade de Educação e Beneficência Santa Casa Catarina de Sena

2.1.7 Utilização original

Capela de devoção comunitária

2.1.8 Utilização atual

Convento das Irmãs Dominicanas

2.1.9 Enquadramento/Implantação

Situado entre as ruas Santa Cruz e Major Sólom, em frente a Praça XV de Novembro no bairro do Cambuí

2.1.10 Valor documental

Entre os templos católicos mais antigos de Campinas, a capela de Santa Cruz teve origem na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e pode ter merecido uma primeira edificação em fins do século XVIII. Em 1822, a Capela de Santa Cruz foi edificada em taipa de pilão nas proximidades de um Pouso Real e no curso do século XIX ela recebeu diversas reformas. No século XX, ela sofreu novas alterações para abrigar a partir de 1912 as irmãs dominicanas que ali instalaram o Externato São Domingos destinado ao ensino primário e jardim da infância, além de um pensionato para moças estudantes.

2.1.11 Documentação administrativa

CONDEPACC. Processo 004/98. Capela de Santa Cruz
CONDEPACC. Processo 037/08. Imóveis do entorno da Praça XV de Novembro. Imóvel situado na Praça XV de Novembro, nº 62

2.1.12 Bibliografia

- AMARAL, Leopoldo. A Cidade de Campinas em 1900. Campinas: Livro Azul, 1900.

janelas de vergas curvas e molduras em “peito de pomba” sobre as envasaduras recurvadas (modernização pomalina), mas que também assume aspectos neoclássicos em sua fachada com frontão, janelas em arco pleno, platibandas e colunas com capitel e base, porta com arco pleno na bandeira. O edifício conta também com um muro frontal com trabalhos em tiolos no modelo ferroviário.

2.2.3 Aspectos arquitetônicos independentes do estilo (período histórico de construção, evolução e mudanças do edifício)

Segundo Edmo Goulart, num período anterior a 1814 já se encontrava presente no Largo de Santa Cruz uma tradicional capela e uma grande cruz, algumas moradias e anos depois, um incipiente comércio. No entanto, data de 1822 a deliberação da Câmara Municipal de abrir uma rua na continuidade do pátio da nova Igreja de Santa Cruz que a Vila de São Carlos pretendia construir nas proximidades do pouso. Seu terreno seria demarcado com quatro estacas e uma cruz (Jolumé Brito, citado pela CSPC), mas caberia aos fiéis erguer o edifício com a finalidade de oferecer missa aos domingos e dias santos. A edificação foi recoberta e dotada da santa cruz, mas apenas em 1833, ela foi aprovada pelo Reverendo visitador José Francisco Aranha Barreto de Camargo (Jolumé Brito). As debilidades da construção, entretanto, exigiram atenção e já em 1842, em condições precárias, a capela precisou ser reerguida, refazendo-se os vigamentos e o telhado. Em seguida, o templo recebeu o altar e retábulo, quatro tribunas, duas janelas, cor e escada, além de três portas, quatro janelas e uma cruz (Jolumé Brito, vol. 2). O templo viveria, ainda, novas alterações em 1854 (Amaral Lapa) e em 1869, ocasião em que a Câmara Municipal também expediu autorização para a demolição do rancho tropeiro. De qualquer forma, segundo Jolumé Brito, o templo se revelaria novamente em péssimo estado em 1880, afirmando Leopoldo Amaral no Almanaque de 1901 que a capela se constituía num “templo pequeno cuja história é ignorada”.

2.2.4 Estado físico de preservação (níveis de conservação, negligência e abandono)

No curso de mais cem anos e em regime de semi clausura, as irmãs dominicanas utilizaram a capela em sua rotina diária de orações e trabalhos, assim como procederam à lavagem do tempo na média de duas a três vezes por semana.

2.2.5 Transformações, adaptações, restauração

Em 2001, em resposta à solicitação encaminhada à Prefeitura pela arquiteta Rosa Maria Varela Silveira, procedeu-se uma revisão do telhado e madeiramento da capela. Em 2003 deu-se a revitalização do telhado com troca de telhas respeitando o padrão original. Também se procedeu a uma revisão das instalações elétricas e hidráulicas que se encontravam em situação precária e adotou-se medidas de salvaguarda de pinturas em tela e de preservação da madeira da capela com a remoção de quatro partes de batentes danificados por cupim foram substituídos por madeira doada de antiga fazenda cafeeira (1902) seguido por tratamento anti cupim.

No mesmo ano, sob a coordenação da arquiteta Rosa Maria Varela Silveira e apoio da comunidade, promoveu-se o tratamento do piso; no curso do tempo o ladrilho hidráulico português sofreu substituições, apresentando padrões alterados. As pinturas com sérios problemas de conservação foram retiradas e guardadas; a cruz sobre o altar, destruída por cupins, foi substituída utilizando-se cedro rosa originário de uma fazenda datada de 1890 e

empregando-se o trabalho com enxó por dois artesãos da região, nas mesmas dimensões da original.

2.2.6 Emprego de materiais, programa, outras informações

Paredes auto-portantes de alvenaria de taipa de pilão com alícerces de pedra, com emprego de taipa de pilão, madeira e metal. Retábulo formado por treze telas trabalhadas com alburnina e pigmentos (pintura mural ou de teto) com pequeno elemento de entalhe na parte superior da tela maior (peça trazida de Portugal). Piso hidráulico português (em convivência com tozettes recentes). Carpintaria processada com enxó, constando portas de pinho de riga (parcialmente danificadas por cupins); portões feitos com ferro fundido com ornamentos executados em forja e caixilharia travada com pregos de ferro artesanais em bigornas e forjas. Na análise dos batentes, “descobriu-se que em cada arco das portas foi aplicado uma camada espessa (aproximadamente dez centímetros) de pedra sabão”, material mais adequado para ser moldado, e sobre ela o batente de madeira. Em prospeção nas paredes de taipa da capela foram encontradas seis camadas de tinta bege (talvez, branco denso), marrom claro, azul colonial, azul celeste, bege (talvez, branco denso), quantil bege com pontilhado marrom, vinho e azul, verde (janeiro de 2001)

2.2.7 Área aproximada

Área bruta: 450 m²

2.3 Estudo do entorno

2.3.1 Área envoltória

No início do século XIX o bairro mereceu a instalação de um “pouso real”, estrutura construída em taipa de pilão com recursos do Estado com o propósito de oferecer maior comodidade e infraestrutura ao intenso trânsito de pessoas, gêneros agrícolas e produtos diversos transportados em lombo de burro, carros de boi e outros veículos, entre os sertões e as vilas paulistas.

Segundo Júlio Mariano, era nesta área em que se dava a “reunião e arranhamento dos cargueiros e respectivos tropeiros” em tempos da Vila de São Carlos; uma área localizada “à boca do caminho do Sertão, onde, por sinal, o

projeto	013/14
cliente	TAB Núcleo Regional Campinas
assunto	Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico
sítio	Capela de Santa Cruz
local	Campinas, SP
coordenação	Dra. Mirza Pellicciotta
data	12/10/2015
revisão	0
folha	01/03
Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda	
	

governo da Província fizera construir um rancho".

O largo de Santa Cruz se constituía, ainda, numa "parada também de comboieiros de escravos, que ali tinham que aguardar a quarentena de seu 'produto', para poderem entrar na cidade e vendê-lo" (Amaral Lapa). Em 1819, Saint Hilaire pernitoiu no pouso do Largo Santa Cruz, nas proximidades da Capela e deixou dados da então Vila de São Carlos: seu termo contava com cerca de 8 léguas de extensão, aproximadamente 6000 almas e uma porção urbana cercada de mato por todos os lados. As casas, construídas na maioria em taipa, eram novas e chegadas umas as outras; as ruas eram pouco largas e sua igreja matriz "pequena e de mal gosto". A vila encontrava-se em franco crescimento por contar com cerca de 100 engenhos e responder pela maior produção de açúcar da província. A presença regular de viajantes, tropeiros, comboieiros de escravos deu lugar à instalação de botequins e tavernas que imprimiram fama ao bairro e fez nascer a "Rua da Pinga", espaço em que os tropeiros reunidos à gente do lugar, divertiam-se em festas profanas e religiosas celebradas em torno do cruzeiro com fartura de mate, causos, violas, fandangos e catiras; festas populares que resistiram ao menos até 1879. Por ser ponto de saída da cidade até fins do século XIX, neste largo se instalou também a primeira força para executar o escravo Elesbão (1835), acusado de assassinar seu senhor, sucedendo-se outras execuções nos anos de 1838, 1849, 1850, 1951 e 1854. Com o passar do tempo, o antigo rancho acabou demolido (1868) e o bairro ganhou, pouco a pouco, lojas de ferragens, armazéns de gêneros da terra, de bebidas, olarias e depósitos, firmando-se nesta área uma "pequena praça exportadora para todas as cidades do interior" (Raphael Duarte). Ali se fariam instalar, também, novas oficinas e fábricas, entre elas, a fundição e a fábrica de carros, troles e máquinas de beneficiamento agrícolas dos Irmãos Birrenbach (1857), o complexo de fundição e olaria de tijolos prensados de Carlos Sampaio Peixoto, no interior do bairro (1867), as instalações dos "Faber, Hempel, Krug, Prospero Bellinfanti e outros". Em sua trajetória dinâmica, marcada pelo intenso trânsito de gente e de produtos, de fábricas e histórias, encontramos uma das fontes mais importantes para o enriquecimento, reconhecimento e prestígio adquiridos pela cidade de Campinas.

2.3.2 Qualidade arquitetônica, estética, urbanística: interação com o ambiente urbano

Localizada ao lado do Pouso de Santa Cruz, da Capela de Santa Cruz os viajantes avistavam no início do século XIX a Vila de São Carlos, deixando suas impressões gravadas em desenhos aquarelados e textos que ainda hoje nos permitem observar as primeiras ruas, edificações e quadras de uma cidade que nascia e que se moldava por entre os arboredos naturais. A antiga Rua do Rio ou da Ponte (atual R. Major Sólón) dava acesso ao centro da Vila de São Carlos através das ruas "do meio" (atual Dr. Quirino) e "de baixo" (atual rua Luzitana). Na virada dos séculos XIX e XX, a região compreendida entre as atuais ruas Dona Libânea e Major Solon recebeu o canal de saneamento, obra de engenharia que canalizou os córregos "Serafim" e

"Tanquinho" e permitiu a cidade se expandir por terrenos alagadiços.

2.4 **Outros elementos patrimoniais do bem/edificação**

2.4.1 Bens móveis

As imagens de Nossa Senhora (originária de Roma/Itália) e São José (originária de Portugal) datadas da década de 1930, bem como o mobiliário da capela constituído por bancos adquiridos pelas irmãs em 1951 e altar de mármore travertino (doado em 1996 por família cooperadora da Capela) vem merecendo atenção de conservação. Em 2005, após a queda de parte do forro, e mediante projeto específico, o conselho autorizou a sua recuperação, bem como a descupinização total do conjunto.

projeto	013/14	assunto	Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico
cliente	IAB Núcleo Regional Campinas	sítio	Capela de Santa Cruz
		local	Campinas, SP
coordenação	Dra. Mirza Pellicciotta	revisão	0
data	12/10/2015	folha	02/03

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

02

Capela de Santa Cruz

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

2.5

Iconografia

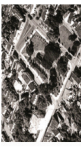
Imagem	tipo	número	legenda	autor/fonte
	Fotografia	131.4FTD2001		pendente
	Fotografia	131.4FTD2002		pendente
	Imagem de arquivo	131.4TA02001	Fotografia aérea do Largo de Santa Cruz de meados do século XX.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	131.4TA02002	Capela de Santa Cruz em desenho de H. Lewis da década de 1870.	Acervo Museu da Cidade
	Imagem de arquivo	131.4TA02003	Largo de Santa Cruz no final do século XIX, arborizado com Flamboyants (plantadas por João Berrenbach em 1872).	Acervo CMU
	Imagem de arquivo	131.4TA02004	Capela de Santa Cruz em meados do século XX.	Acervo MIS
	Imagem de arquivo	131.4TA02005	Aquarelas de Edmund Pink (1823).	Acervo Bovespa
	Imagem de arquivo	131.4TA02006	Aquarelas de Miguel Dutra (1846).	Acervo Museu Paulista

Imagem	tipo	número	legenda	autor/fonte
	Imagem de arquivo	131.4TA02007	Fachada	Fonte: Panoramio, Alexandre Denarelli
	Imagem de arquivo	131.4TA02008	Interior	Fonte: Flickr, Natal Forcé III

projeto

013/14

cliente

IAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

sítio

Capela de Santa Cruz

local

Campinas, SP

coordenação

Dra. Mirza Pellicciotta

data

12/10/2015

revisão

0

folha

03/03

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

IBR

CONHECIMENTOS ASSOCIADOS